

Sexta-feira da IV Semana da Quaresma
7º Dia de Dom Marcelo Pinto Carvalheira

Sb 2,1ª 12-22 / Sl 33 / Jo 7, 1-2.10.25-30

O homem encontra-se em trânsito, em *pascha*, ou passagem da aceitação habitual e rotineira para a afirmação espiritual e livre de si mesmo como um ser alicerçado na misericórdia e, portanto, dotado de sentido integral. Esse sentido integral, contudo, tira o indivíduo para fora de si mesmo como um elemento engajado numa luta fútil para se dotar de significância e mergulha-o na significância com a qual o amor e a misericórdia saturaram e iluminaram o ser coletivo do homem através da Ressurreição de Cristo (MERTON, 2004).

Sr. Arcebispo,
Srs. Bispos,
Srs. Padres,
Srs. Seminaristas,
Religiosos,
Famíliares de Dom Marcelo,
Amigos e amigas,

As palavras antes citadas, do grande Thomas Merton, resumem com clareza aquilo que hoje nós estamos a celebrar: A Páscoa de alguém que, sabendo da sua necessidade de Deus, percebeu que, somente fazendo de sua vida instrumento livre do Amor, mergulharia na plenitude d'Aquele que buscara.

Quis a Providência que nesta Eucaristia nós ouvíssemos o capítulo 2 do Livro da Sabedoria, que aborda os conflitos da comunidade de Alexandria no primeiro século antes de Cristo. Em meio a uma sociedade corrompida e desumana, emerge a figura do Justo, alguém que porque confia em Deus, vive de forma diferente e faz de sua vida uma profecia. Alguém, que porque crer, transforma as realidades à sua volta. E é precisamente aqui, meus irmãos, que queria me deter nessa reflexão.

Falar de Dom Marcelo em poucas palavras é tarefa muito desafiadora. Certamente todos nós temos tantos relatos, tantas experiências que nos fazem perceber a grandeza de um homem e a pequenez de um servo. Vou tentar, então, a partir de quatro imagens nos levar, não apenas a recordar de Dom Marcelo, mas a perceber a necessidade da continuidade do seu sagrado exercício de ser portador do Evangelho de Cristo.

- A primeira imagem que me vem à mente é do Tabor. Jesus com Pedro, Thiago e João, transfigurado.

Desde os primeiros anos de vida, Dom Marcelo se deu conta de que não viveria sem um contato íntimo com Deus. Contou-me uma vez Zeferino Rocha, que quando o menino Marcelo estava no Seminário, uma coisa chamava atenção: ele não ia para a capela, quando do toque do sino, simplesmente para cumprir obrigação. Ele sentia aquilo que fazia, vivia em

íntima ligação com Deus, gostava de rezar, muitas vezes era surpreendido em silêncio, em uma oração profunda. E isso o acompanhou por toda vida. A sua busca pela vida monástica e o pequeno eremitério de Guarabira são exemplos disso. Dom Marcelo não sabia viver distante da Montanha.

Mas, não tinha a mesma cabeça de Pedro. Apesar de viver na montanha, Dom Marcelo tinha necessidade também da Planície. Se Pedro disse: - Mestre, vamos ficar aqui! Dom Marcelo escolheu como lema: Evangelizare!

A medida que se relacionava com Deus, ele também servia aos irmãos. Tinha uma profunda ligação e fidelidade à liturgia da Igreja. Gostava de contemplar Deus através da Arte.

As imagens mais nítidas que trago de Dom Marcelo são aquelas de quando eu, seminarista dos primeiros anos, ia busca-lo no Mosteiro para celebrar Missa numa paróquia onde eu fazia pastoral. A concentração diante do Mistério, a contemplação, a riqueza dos gestos, a fidelidade. As homilias de Dom Marcelo eram verdadeiras preces, eram perfume que subia a Deus.

A vida de Dom Marcelo consistia nesse trânsito constante: contemplar a Deus e servir ao Evangelho Encarnado.

- A segunda imagem que me vêm à mente é aquela da Última Ceia narrada por João, em que naquela belíssima catequese, Jesus mostra aos Apóstolos a necessidade do Amor como fator de transformação humana, de busca da vida plena.

Logo quando chegou em Recife, depois de sua ordenação, em meados da década de 50, Dom Marcelo percebeu a partir dos movimentos de ação católica que surgiam, que, somente semeando o Evangelho no coração das jovens gerações, nós alcançaríamos a plenitude da vida, tão sonhada por Jesus.

Seu trabalho na JIC era mais que uma simples assessoria, ele tomava parte na vida da juventude, para transformar as estruturas. Como é nobre, vemos que quase 60 anos passados, há em meio a nossa sociedade recifense, pessoas, que nos campos de trabalho, fazem germinar a semente do Evangelho plantada por aquele jovem sacerdote.

Era tão apaixonante, o trabalho daquele jovem sacerdote, que logo despontou nele a característica de um grande formador para as futuras gerações de sacerdotes. E, de fato, não se estava enganado. Dom Marcelo implantou um modelo de formação sacerdotal que buscava a realização integral do Jovem na Igreja. A sua paciência em ouvir, em buscar conhecer, em compreender a história e a vida. As famosas aulas de Cultura, língua e artes. As conferências com os grandes nomes do Concílio Vaticano II. Seu objetivo era apenas um: formar jovens felizes, cultos, apaixonados pela Igreja de Cristo. Quem deixava o Seminário de Dom Marcelo, podia ser padre ou não. Só não podia não amar Cristo e a Igreja.

Enganar-se-ia profundamente alguém que achasse que Dom Marcelo era um ativista político ou um revolucionário sem causa. Dom Marcelo era um cálice a transbordar. Não vivia de ideologias, vivia da Palavra de Deus.

Ele entendera aquilo que disse Jesus na Ceia: que o Amor toca, que o amor transforma, que Deus é Amor.

Onde Dom Marcelo Passava, o amor era Palavra de Ordem. Imaginem que naqueles 51 dias de Cárcere, Dom Marcelo conseguiu

conquistar a todos, por onde passou. O amor era tão transbordante, que dizem os relatos, ele parecia mais uma visita de honra, que um encarcerado. Não sofreu nenhum tipo de tortura, a tal ponto, que escreveu quando saiu dali, que não sabia se deveria, de fato, ter saído, porque se sentia instrumento de Deus para conforto daqueles que sofriam.

- E porque falamos de Amor, me vem uma terceira imagem, que não está na Bíblia, mas que fala muito para nós. É aquela, de um relato talvez não histórico, de um dia, quando a cruz pesou aos ombros de Pedro. Cansado, o Apóstolo resolveu desistir, até que na volta pra Casa, alguém lhe pergunta: - Domine, quo vades? –Senhor, para onde vais? Para surpresa de Pedro, era Jesus! Que o manda de volta para Roma, entregar a vida.

Meus irmãos, me permitam dizer: somente que ama desmedidamente é capaz de renunciar a si mesmo. E não foram poucas as vezes que na vida do Dom da Ternura essa imagem se atualizou.

Como é enriquecedor, ler as suas cartas a Dom Helder, ler suas inquietudes, sempre tão carregadas de uma fidelidade à Igreja de Cristo capaz de superar os sofrimentos, sempre tão ligadas às necessidades do povo.

Por tantas vezes, a Missão pesou às costas do Dom, por quantas vezes parecia que desistir era mais fácil. Por quantas vezes o sofrimento fazia doer, por muito mais vezes o amor era maior.

- Por fim, uma última imagem, aquela em que Jesus cura a sogra de Pedro.

Se nós lêssemos o Evangelho friamente, perceberíamos uma contradição: Jesus disse que para ser digno dele, era necessário deixar tudo, e como volta com Pedro para curar a sua sogra?

Alguém poderia não entender, mas Marcelo Carvalheira entendeu. Uma coisa que me detinha muita atenção na vida de Dom Marcelo, era como ele, vivendo tão imerso na sua vida de Pastor, conseguia ser um elo para toda sua família, um ponto de convergência, um sinal de unidade.

Deixando tudo para seguir Jesus, Dom Marcelo não esqueceu que os seus também faziam parte da grei. Que essa família não perca essa unidade! Que nós padres não percamos essa lição!

Diante de tanto, meus irmãos, vamos agora nos voltar para o altar do Sacrifício, para oferecermos ao Pai a Vítima da Salvação, com quem Dom Marcelo quis misturar o seu sangue e o seu suor.

Peçamos a Cristo que receba no Céu, aquele que o levou na vida.

Peçamos à Senhora das Graças, da Luz e das Neves que prepare conduza ao Filho, o filho que tanto n'Ela confiou.

Peçamos aos Josés, seja o Tio José, o anjo José, os irmãos José ou o São José, que abram as portas da Casa Celestial para receber nosso Dom.

Peçamos aos tantos Anawins que o precederam e já se encontrarem em Deus, sejam eles: Álvaro, Tereza, Antônio, Maria, Zefinha, Helder, a grande multidão, que o conduzam à Festa Maior, à Liturgia Plena, ao Banquete da Salvação!

Que Deus dê ao nosso Dom a graça do Céu e a nós a graça da sua intercessão. Amém!